

**O LUGAR DO PODER E DA RESISTÊNCIA
NA CONTEMPORANEIDADE: A POTÊNCIA
DOS CONTRIBUTOS CONCEITUAIS DE MICHEL FOUCAULT**

Tamara Cecília Rangel Gomes (UENF)

tamaracrangelgomes@gmail.com

Crisóstomo Lima do Nascimento (UENF)

crisostomoln@gmail.com

RESUMO

O artigo pretende contribuir para a compreensão metodológica de Michel Foucault para os estudos que versam sobre poder, suas formas de exercício e de resistência, vislumbrados neste trabalho como contributos conceituais potentes, sobretudo para a nossa contemporaneidade. Por procedimento metodológico adotou-se pesquisa bibliográfica dos acontecimentos considerados pelo autor em seu tempo, história e espaço. Consta-se especialmente no contexto de ascensão da extrema-direita, onde as relações de poder se multiplicam e se tornam cada vez mais sutis e capilares, a resistência - que não se manifesta apenas nos movimentos sociais ou nas grandes revoluções, mas nas práticas cotidianas, nas contracondutas. Este estudo sobre a resistência permite discutir a questão da subjetividade nas sociedades contemporâneas, a partir de uma perspectiva foucaultiana.

Palavras-chave:

Contemporaneidade. Poder. Resistência.

ABSTRACT

The article aims to contribute to the methodological understanding of Michel Foucault concerning studies on power, its forms of exercise, and resistance. These are viewed in this work as powerful conceptual contributions, especially for our contemporary era. The methodological procedure adopted was a bibliographic review of events considered by the author in his time, history, and space. It is particularly noted, especially in the context of the rise of the far-right, where power relations multiply and become increasingly subtle and capillary, that resistance does not manifest solely in social movements or grand revolutions, but in daily practices and counter-conducts. This study on resistance allows for a discussion of the question of subjectivity in contemporary societies from a Foucaultian perspective.

Keywords:

Contemporaneity. Power. Resistance.

1. Introdução

“Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e

que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considera-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir.”
(Foucault, 1979. p. 8)

Os estudos de poder e resistência, como propostos por Michel Foucault, continuam a reverberar com força nas discussões contemporâneas sobre relações sociais, políticas e culturais. Foucault desafiou as concepções tradicionais de poder, destacando que ele não se restringe a instituições ou indivíduos, mas permeia toda a sociedade por meio de práticas e discursos. Nesse contexto, a resistência emerge não apenas como uma reação ao poder, mas como uma parte intrínseca das relações sociais.

Na atualidade, em um mundo marcado por desigualdades, vulnerabilidades e crises sociais, as ideias de Foucault oferecem uma lente poderosa para analisar movimentos sociais, ativismos, dinâmicas de controle que moldam nossas vidas, nas contracondutas, nas práticas cotidianas que se configuram silenciosamente para manutenção da própria existência.

Nesta perspectiva, buscamos na tessitura destes escritos desvelar as orientações e procedimentos metodológicos de Michel Foucault sobre o poder presentes em obras como *História da Sexualidade: A vontade de saber* e *Microfísica do poder*. Em seus tempos, em seus contextos, seus textos corroboram com a compreensão das lutas contemporâneas por justiça e emancipação.

Foucault, com suas contribuições conceituais, desafia a visão tradicional do poder como algo que apenas reprime e limita a liberdade. Ele argumenta que o poder é também produtivo; ele cria e organiza realidades sociais. Em outras palavras, o poder não só restringe comportamentos, mas também molda e produz subjetividades, identidades e práticas sociais.

2. Um pouco de história

Michel Foucault nasceu em Poitiers (França) em 1926, filho de pais médicos (Paul Foucault e Anna Malapert), licenciou-se em Filosofia e Psicologia. Atuou como psicólogo em hospitais e penitenciárias. Minis-

trou conferências e foi professor universitário em diferentes países, tendo sido influenciado por Jean Hyppolite e Louis Althusser.

Em um breve levantamento acerca de seus trabalhos, percebe-se uma exponencial notoriedade a partir das décadas de 1950 e 1960, com a intenção de anunciar a história das descontinuidades e das rupturas dos discursos para que, desta forma, se tenha maior clareza da perspectiva como se deu a elaboração de um campo de saber.

Nas décadas de 1970 e 1980, Foucault volta-se para o estudo do poder. Suas palestras no Collège de France, apresentam as discussões sobre biopoder e governamentalidade e sobre questões relacionadas ao liberalismo e neoliberalismo que, em determinado momento se interessam pelas condutas e costumes ou, em outras palavras, como a disciplina direciona as condutas das populações, sobretudo da formação das subjetividades para o capitalismo, para o mercado.

Importante compreender a governamentalidade como uma prática que busca o controle dos corpos individualmente (através da disciplina) e coletivamente (através da condução das condutas) são, portanto, formas de poder e subjetivação da sociedade. Foucault nos descortina a hipótese de um campo onde as condutas tornam-se uma possibilidade de resistência.

Foucault foi uma das primeiras pessoas reconhecidas socialmente que faleceu em decorrência de problemas neurológicos agravados pela síndrome da imunodeficiência adquirida em 1984. Pouco conhecida à época, a síndrome e seu enfrentamento foram cercados de preconceito e vinculação a grupos marginalizados, reforçando os ritos assépticos de exclusão tão degradantes quanto a própria enfermidade.

Em sua idade mais tenra fora, compulsoriamente, internado pelo pai em um hospital psiquiátrico após uma tentativa de suicídio, sendo acusado de loucura. (Nogueira, 2019). Anos mais tarde, o processo de adoecimento que culminou em sua morte o colocou, novamente, em condição de internação hospitalar e todo tipo de mecanismo de manipulação e controle sobre os corpos dedicadamente descritos em sua produção acadêmica.

3. Orientações metodológicas para os estudos sobre o poder

“Uma das primeiras coisas a compreender é que o poder não está localizado no aparelho de Estado e que

nada mudará na sociedade se os mecanismos de poder que funcionam fora, abaixo, ao lado dos aparelhos de Estado a um nível muito mais elementar, cotidiano, não forem modificados.” (Foucault, 1979. p. 85)

Em *História da Sexualidade – A vontade de saber*, o autor notadamente dedica um capítulo para o tema “Método” (Foucault, 1988, p. 88-9). Elucida-se, em mencionado capítulo, que parecia que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através das lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si. Enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais.

De igual forma, em *A microfísica do poder* – um compilado de conferências, cursos, artigos e entrevistas cujo tema central é o poder nas sociedades modernas, sobretudo como se apresenta, como se difunde e como suscita resistências na sociedade e suas instituições. Em se tratando da publicação de uma coletânea, as abordagens de Foucault para o tema versam sobre psiquiatria, geografia, economia, sexualidade, prisão e o papel do intelectual.

Para tanto, anuncia seu zelo em seus próprios estudos sobre o poder orientando quanto às observações a serem realizadas, rejeitando uma possível associação entre o aparelho do estado e o poder, advertindo para à rede de poderes difusos em expansão pela sociedade. Isto posto, elencamos estas orientações nomeadas pelo autor como precauções metodológicas.

3.1. Orientação metodológica 1

Em uma primeira orientação ou nota, Foucault concebe que os estudos sobre o poder não devem buscar uma pretensa representação central, mas a compreensão de suas ramificações, de sua capilaridade.

Importante apropriar-se da maneira como o poder se infiltra em questões relacionadas às interações capilares desde as instituições legalizadas e normatizadas até ao exercício de práticas e técnicas de controle e vigilância, seja com intervenção material, seja com os usos da violência.

Instaura-se o conceito de que o poder se exerce de maneira invisível e capilar, moldando normas, comportamentos e formas de existir na sociedade.

3.2. Orientação metodológica 2

Nesta orientação, o autor sugere que o poder não é algo que deve ser apenas entendido como emanando de uma figura de autoridade, consciente, com uma estratégia definida, mas como uma rede complexa de relações e processos que moldam o comportamento humano. Em suas próprias palavras (Foucault, 1979, p. 102) não formular a pergunta sem resposta: “quem tem o poder e o que pretende, ou o que procura aquele que tem o poder?”; mas estudar o poder onde sua intenção – se é que há uma intenção – está completamente investida em práticas reais e efetivas.

O ponto de atenção desta precaução reside na inadmissibilidade de questionamentos pouco profícuos, que anseiam por explicações contundentes sobre como um candidato alcançou a presidência, mas como todo o restante do país constituiu-se ou foi constituído como seus eleitores.

Para Foucault, o poder não se concentra apenas em figuras ou instituições soberanas que impõem sua vontade, mas é algo que se dispersa, se capilariza e se realiza através de práticas cotidianas.

3.3. Orientação metodológica 3

Foucault orienta que não se adote o discurso do poder de um indivíduo sobre outro ou de uma classe dominante sobre uma classe dominada, mas atentar-se para sua fluidez, para a forma como funciona em rede. O poder não se aplica aos indivíduos, mas passa por eles que de forma consentida ou não, concorrem para sua transmissão.

Esse conceito permite compreender como o poder se infiltra nas mais diversas instâncias da vida social detalhadamente debatidas pelo autor, como nas escolas, hospitais, prisões, ou até nas interações familiares e comunitárias. Cada indivíduo, ao se relacionar com os outros e com as instituições, está simultaneamente e dialeticamente exercendo e recebendo os efeitos do poder.

3.4. Orientação metodológica 4

Orienta-se à realização de uma “análise ascendente”, implicando que o poder não é apenas algo que desce de um centro dominante, mas que surge e se forma a partir das práticas e táticas diurnas que, ao longo do tempo, se organizam em sistemas de controle maiores.

Esses mecanismos de poder nos “níveis mais baixos” incluem técnicas de controle corporal, disciplina nas instituições e formas de vigilância que, em sua aplicação prática, moldam os comportamentos individuais. Para o autor (Foucault, 1979, p. 103) deve ser analisada a maneira como os fenômenos, as técnicas e os procedimentos de poder atuam nos níveis mais baixos; como estes procedimentos se deslocam, se expandem, se modificam; mas sobretudo como são investidos e anexados por fenômenos mais globais.

3.5. Orientação metodológica 5

Grandes máquinas poder são instrumentos reais de formação e de acumulação do saber: métodos de observação, técnicas de registro, procedimentos de inquérito e de pesquisa, aparelhos de verificação. Tudo isto significa que o poder, para exercer-se nestes mecanismos sutis, é obrigado a formar, organizar e pôr em circulação um saber, ou melhor, aparelhos de saber que não são construções ideológicas.

3.6. Orientação metodológica 6

As relações de poder são, concomitantemente, intencionais e não subjetivas. Para que seja, efetivamente, exercido demanda o planejamento de objetivos e suas respectivas estratégias que se pulverizam, capilarmente.

3.7. Orientação metodológica 7

Importa a compreensão de que onde há poder, há resistência. A resistência, para Michel Foucault, é um conceito fundamental em sua teoria do poder. Foucault rejeita a visão tradicional de poder como algo que apenas reprime e restringe, propondo que o poder é produtivo, difuso e presente em todas as relações sociais.

Nesse contexto, a resistência não é externa ao poder; ela é parte intrínseca dele. Onde há poder, há resistência, pois, o poder cria as condições para o surgimento de forças contrárias. Essas resistências podem ser pequenas e cotidianas, como desobediências individuais, ou mais organizadas, como movimentos sociais.

4. A resistência e a contraconduta em Foucault e na contemporaneidade

As correlações de poder não podem existir senão em uma multiplicidade de pontos de resistência que representam, nas relações de poder, o papel do adversário, de alvo, de apoio, de saliência que permite a apreensão. Esses pontos de resistência estão presentes em toda rede de poder. Portanto, não existe, com respeito ao poder, um lugar da grande Recusa – alma da revolta, foco de todas as rebeliões, lei pura do revolucionário. Mas sim resistências, no plural, que são casos únicos: possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas. “Violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício, poder definição, não podem existir a não ser no campo das relações de poder.” (Foucault, 1988, p. 91).

Em “História da Sexualidade – A vontade do saber”, Foucault argumenta que onde há poder, há também resistência (Foucault, 1988, p. 91). A resistência não é uma reação externa ao poder, mas está ligada à forma como o poder opera, podendo surgir em vários níveis e formas, desde movimentos sociais e protestos até práticas cotidianas e pequenas subversões das normas estabelecidas. A resistência é, portanto, uma parte integral da dinâmica do poder, constituindo-se o outro termo de suas relações.

Se por um lado o poder opera em diferentes esferas (corpos, instituições e discursos), resta-nos o entendimento de que a resistência ocorre nessas mesmas esferas. Não há um ponto “fora” do poder, não se vislumbram rotas de fuga, mas sim múltiplas formas de contestação, lutas, brechas, adotando pontos móveis e transitórios que se reagrupam tecendo, por sua vez, os pontos – as malhas nas diferentes estratificações individuais e coletivas.

O poder cria as condições para o surgimento destas estratificações. Essas resistências podem ser pequenas e cotidianas, como desobediências individuais, ou mais organizadas, como movimentos sociais. Em

palavras do próprio Foucault (1988, p. 92), é nesse campo de correlações de força que se deve analisar os mecanismos de poder.

Estas práticas que desafiam as formas normativas e regulamentares de comportamento promovidas por instituições sociais, como o Estado, a escola, e a família, são denominadas por Foucault como *contraconduta*.

O conceito de *contraconduta* foi-nos apresentado por Michel Foucault no curso datado de 1978, cujo registro encontra-se no livro *Segurança, Território e População*. Ao conceber o poder enquanto condução de condutas (elucidando, em exemplo, práticas pastorais) amplificando a análise das relações de poder de seu aspecto micropolítico até as práticas de governamentalidade. Numa breve conceituação, *contraconduta* diz respeito a comportamentos de resistência nas relações de poder onde se encontram instaladas, caracterizando-se como movimentos que apresentam, por objetivo, outra conduta.

Para Costa (2019), o uso do vocábulo “*contraconduta*” corresponde a uma opção justificada pelo autor a partir da recusa de outros termos, como se segue: “*revolta de conduta*”, palavra muito precisa e muito forte para designar certas formas de resistência mais difusas e sutis. As reações em torno das práticas de governo não implicam, necessariamente, em atos revolucionários ou efetivas rupturas que objetivem a inserção de novos modos de governo, mas implicam que se possam vislumbrar uma espécie de muro de contenção dos contínuos avanços dos movimentos hegemônicos.

Como não se refere exatamente a protestos explícitos, a *contraconduta* pode se manifestar em práticas cotidianas e modos de vida alternativos que desafiem as normas dominantes. Por exemplo, a criação de formas de vida comunitária alternativas, práticas de autoajuda não institucionalizadas, ou novas formas de expressão cultural e política podem ser vistas como *contraconduta*. Essas práticas oferecem maneiras diferentes de viver e se organizar que contrastam com as prescrições normativas estabelecidas.

Na contemporaneidade, especialmente no contexto de ascensão da extrema-direita, onde as relações de poder se multiplicam e se tornam cada vez mais sutis e capilares, a resistência – que não se manifesta apenas nos movimentos sociais ou nas grandes revoluções, mas em práticas cotidianas que atravessam as instituições formais.

Em tempos de digitalização dos processos relacionados à vida individual e coletiva, por exemplo, o poder não se limita às instituições estatais ou políticas, mas se dissemina através de tecnologias de informação, redes sociais e sistemas de dados, que monitoram, regulam, influenciam comportamentos e compartilham Fake News.

As micro-resistências que surgem diante de novas formas de controle e vigilância, sob forma de contracondutas que questionam a o patrulhamento digital, a coleta de dados pessoais, a manipulação de informações, a vigilância algorítmica e a crescente precarização dos debates acerca de movimentos de negros, mulheres, LGBTQIA+ e outros.

As formas de resistência contemporâneas envolvem mobilizações que reivindicam a humanização de corpos que foram vulnerabilizados como forma de negociação e reapropriação das relações de poder. Muitas vezes, por exemplo, se utilizam da própria tecnologia (internet, redes sociais, criptografia) para desafiar as estruturas de controle em busca de visibilidade.

5. Considerações finais

Foucault desafia a ideia de que o poder é apenas exercido por instituições ou indivíduos específicos. Ele argumenta que o poder está difuso, permeando todas as relações sociais, o que permite uma análise mais abrangente das dinâmicas de controle em diferentes contextos, destacando a interconexão entre poder e conhecimento, mostrando como as formas de saber moldam e são moldadas pelas estruturas de poder. Essa perspectiva ajuda a entender como discursos dominantes podem legitimar desigualdades e opressões.

As práticas de poder evoluem ao longo do tempo, enfatizando que não são universais ou atemporais. Essa abordagem histórica ajuda a entender as particularidades de cada contexto social e as formas contemporâneas de controle e resistência, sobretudo quando nos apresenta o conceito de contraconduta.

Isto posto, a resistência não é simplesmente uma reação ao poder, mas uma parte integrante dele. Essa ideia sugere que onde há poder, há também resistência, permitindo uma análise mais dinâmica das lutas sociais e políticas, individuais e coletivas, partidárias ou apartidárias, comportamentais e culturais. A resistência, na contemporaneidade, se expressa na capacidade de desafiar as múltiplas formas de controle que emer-

gem nas relações sociais, políticas, econômicas e tecnológicas, tornando-se fundamental para questionar e repensar o papel do indivíduo e da coletividade frente a essas dinâmicas de poder.

Este estudo não pretende esgotar a discussão sobre o poder em Foucault, mas sim explorar algumas de suas nuances e implicações no contexto contemporâneo. Nosso objetivo foi suscitar reflexões e questionamentos que possam contribuir para um debate mais amplo sobre suas orientações sobre o poder, suas dinâmicas e a resistência que se manifestam em diferentes contextos atuais, sem a pretensão de abarcar todas as suas complexidades, propomos esta lacuna para os demais estudos que se fazem necessários, novas interpretações e para a continuidade da investigação em torno das ideias de Foucault, enriquecendo a compreensão crítica das relações sociais e políticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, M. *Segurança, Território, População*. Curso dado no Collège de France (1977–1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *A ordem do discurso*: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. *História da Sexualidade*: A vontade de saber. RJ: Graal, 1988.

_____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

COSTA, Helrison Silva. O Lugar das Contracondutas na Genealogia Foucaultiana do Governo. *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, [S.l.], v. 7, n. 1, p. 61-78, 2019. DOI: 10.26512/rfmc.v7i1.20767. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/fmc/article/view/20767>. Acesso em: 22 jul. 2024.

GRABOIS, P. F. Resistência e revolução no pensamento de Michel Foucault: contracondutas, sublevações e lutas. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, 2(19), 7-27, 2011.

NOGUEIRA, André. *35 anos sem Michel Foucault*: Conheça a história de um dos mais céleres filósofos do século 20. 2019. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/michel-foucault-vida-biografia-filosofos-seculo-20.phtml>. Acesso em: 19 agosto 2024.